



GIL VICENTE

Semanario Monarquico-Integratista
(Literario e Noticioso)
Criação e propriedade de J. M. Integratista local
Redacção e Administração:
AVENIDA DO COMERCIO



VISITACÃO
*Pardiez! siete arrepelones
Me pegaron á la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones*
VÁQUEIRO

Director, D. José Ferrão
Administrador e Editor, Domingos F. Guimarães
Secretario da Redacção, M. A. d'Oliveira
(a quem deve ser dirigida toda a correspondencia)

Composto e impresso na TIPOGRAFIA TIRSENSE
Rua Sousa Tropa, 49—SANTO TIRSO

VIDA PORTUGUESA

Sendo como é assustadora a crise económica, a ninguém é dado prever o dia de amanhã, tão negra e fatídica é a hora que passa.

Cada vez mais nos aproximamos da derrocada ha muito prevista e apontada por nós aos dirigentes do barco do Estado, mas, infelizmente, até hoje, talvez amanhã e quem sabe se sempre, os seus timoneiros teem sido surdos e cegos aos nossos justificados clamores contra a loucura que impera sobre tudo e todos, contra a insensatez de todos os dias tão duramente manifestada nos que teem sobre si a responsabilidade e o dever de pôrem um dique, melhor, um freio a milhares de desmandos politicos que se transformam em outros tantos milhares de crimes publicos. A guerra, argumentam, foi a causa principal da desordem mundial; para que ela desapareça são necessários os esforços de todos, a boa vontade de todos, a colaboração dos competentes e mesmo assim tem de proceder-se com calma e prudência para que ninguém possa ser prejudicado...

Quanto ao nosso modo de ver muito pessoal, a guerra foi sem dúvida a origem dos males que indispõem a Europa e o mundo inteiro, mas não de concordar que durante o conflicto dos exercitos, a loucura do prazer, o desmando da ganância, o crime descarado do roubo inaudito á bolsa dos pobres eram menos frequentes. Toda a gente sabe que foi só depois do armistício que a desorganização moral, politica e económica assentou arraias em todos os povos—nuns mais, noutros menos—, mas onde ela se sentiu mais á vontade e mais á larga foi entre nós, e duma maneira verdadeiramente deplorável e criminosa. Devida a quem, e porquê? Não andaremos longe da verdade se dissermos que as causas reais do nosso péssimo modo de viver são obra quotidiana de todos os governos que, sem

método e sem ordem, procuram remediar um mal com outro mal agravando assim cada vez mais a nossa situação. Tem também o seu quinhão de responsabilidade nesta trágica crise social as chamadas classes conservadoras que, alheias ao precipício que as espera, continuam indiferentes aos gritos de revolta que de todos os lados e de toda a parte se ouvem cheios de raiva e de miséria. E essas classes passeiam hoje, muito á vontade, pelos ministérios da Republica; dão-lhes vida e com ela vivem e se entendem...

Assim tem sido, infelizmente, estes desgraçados cinco anos após o armistício. Ha quem diga, e todos os dias nós ouvimo-lo á meza dos cafés, nas praças publicas, em todos os lugares que a vida era mais suave durante a guerra apesar de todos os seus horrores que a vida de hoje, cheia de incertezas, incompreensível e indisciplinada—vida que tem sido de desordem normal e com a qual—Santo Deus!—se parece ter conformado a sociedade portuguesa.

A situação que vivemos é pois de terríveis e enigmaticos pontos de interrogação que, de tão dolorosos que são, a toda a gente traz um sobressalto e desconfiança do futuro se espiritos são e fortes de justiça e de humanidade não deitarem mão ás rédeas da cavalgada social que sómente espera a hora própria para a todos esmagar sob a sua pata de sangue e de ódio.

Somos muito pessimistas? Talvez. A isso nos levou o miseravel estado de coisas criadas á semelhança da formula democrático-demagógico. Não é possível pois a salvação com a republica. Vive-se em regimen de compadrio onde só mandam os revolucionários civis e os amigos da politica de cacique e de regedoria.

Domingos Ribeiro.

Ontem, foi a opposição cerrada á proposta de Leonardo Coimbra, sobre o ensino religioso. Hoje, é o caso passado em Lisboa, com o nome da antiga Rua das Trinas que uma Câmara que toda a Lisboa despreza, mandou alterar, para que melhor sobressaia o seu rancoroso sectarismo.

De todos os dias, os enxovalhos, o esbulho, a confiscação do pouco que a Igreja ainda possuia.

Dignos do estojo moral e intelectual dos dirigentes do Livre-Pensamento, dignos da confiança que depositam na baixeza dos seus sujos instrumentos eles apenas podem arrancar-nos um sorriso de amargurado desprezo.

Nós sabemos quanto a Patria deve á Igreja como instituição social, sabemos bem que á Cruz e á Espada valorosa dos nossos freires

se deve a mais bela epopeia do alvorecer da nacionalidade portuguesa; que o sopro do Fé que inflava as velas das naus da Descoberta as levava mais longe de que as mais propicias brisas do Atlantico.

Nós sentimos o seu soberbo efeito moral, a poesia das suas evocações, os seus suavissimos lenitivos.

Senhores do Registo Civil, senhores do Livre-Pensamento, nós os catolicos, rimo-nos de V. Ex.^{as}, sois ineptos de mais para derrubar um edificio que nem Holbach nem Voltaire conseguiram sequer abalar, um edificio que tem os seus alicerces nos corações de todos os bons e cuja cupula está em Deus! Lançai um olhar, se o Grande Oriente vo-lo permitir, sobre a Historia da Reação que invadisteis, de Portugal.

Vede o milagre de Ourique, a Rosa do Condestabre. Admirai a imponencia das nossas catedrais! Quanta Fé, quanto fervor...

Olhai agora as multidões de fleis que se acumulam nos templos, vede o resflorescimento admiravel da Igreja Catolica.

Ouvi a mocidade portuguesa gritar com toda a força dos seus pulmões: Deus, Patria, Rei!

Vede os vossos correligionarios, com uma intuição paternal muito louvavel, mandarem os seus filhos ás escolas congreganistas onde se instruem em vez de se perverterem, de se debocharem nas escolas sem Deus.

E tudo isto depois da já celebre basofia do Afonso Costa, Cavalheiro Kadosh!

Vós, senhores do Registo e do Livre-Pensamento já nada podeis

O espirito catolico do povo de Guimarães

VAI COLABORAR NA

Grande Festa da Cidade

Uma Procissão suntuosa e marcante

Já um dia focando em fiel perspectiva a vista geral deste velho burgo escrevemos, algures, que a sua propria fisionomia citadina revelava o seu caracter de acção e devoção.

Muitas chaminés de fabricas e muitos carroceus de torres, marcavam, em verdade, no grande aglomerado urbano, uma das características mais interessantes desta população, a um tempo moderna pelo seu estuante progresso industrial e tradicionalista pelo seu apego ás raizes do passado, aonde fulgura a sua fé católica.

Resulta, pois, num contraste suggestivo, observar que essas fabricas e igrejas não são outra coisa, em sintese de psicologia social, que a propria finalidade moral deste povo—o seu melhor cliché e o seu mais exacto elogio.

Nada admira, portanto, que a alma vimezanense votada agora com ardor á grande faina de realizar em Agosto uma Exposição Industrial e Agricola, simultaneamente pense em promover uma

contra nós, ainda que insultando-nos e espancando-nos vos julgueis todo-poderosos.

Ainda assim que o Grande Oriente tenha cautela, seja mais prudente e menos agressivo porque se as suas manobras não nos prejudicam fundamentalmente incomodam-nos e aborrecem-nos pelo menos e... pode surgir dentro nós algum abade Bessonies a divulgar

um affaire des «fiches», que nos parece deu que pensar ao Grande Oriente de França.

Contentem-se com o nosso desprezo porque a nossa ofensiva, pode trazer-lhes alguns ruins bocados, saibam-no todos os srs., saiba-o o supremo conselho da Maçonaria Portuguesa.

Como cristãos perdoa-mo-slhes, o que não quer dizer que crusaremos os braços deante desse fermento putrido que já tanto tem corroído a sociedade.

Em qualquer contingencia o Integralismo Lusitano saberá bater-se pela causa da Igreja, que viveu sempre estreitamente vinculada á causa da Pátria e da monarchia.

M. Bastos.

A campanha anti-clerical

As hostes do Livre-Pensamento, minguadas qualitativa e quantitativamente, agitam-se como se um novo ardor as inflamasse contra a Igreja.

Automatos que o Grande Oriente Lusitano cínicamente maneja, pretendem estes homens derrubar uma grande Fé que profundamente se arraigou nos corações portugueses, uma Instituição de cujo valor politico-social falam todas as paginas verdadeiramente sublimes da nossa Historia atravez mais de 8 seculos de productivo labor em prol da Nação.

Por todas as formas e em todos os sentidos se pretende rebaixar a Igreja, o clero, as instituições religiosas.



Na hora derradeira

*O peito lusitano não se acalma
e sente algemas, panos de mortalha...
Já não socega o mar—naufragios d'alma,
derrota d'um rebanho que tresmalha.*

*Cada vingança tem a sua palma;
na leira seca a gente não trabalha,
e são ossadas frias e sem alma
as naves solitarias da Batalha!*

*Historia velha, lida novamente:
—a Patria cae passados tantos anos
em mãos eguaes ás mãos dos castelhanos.*

*Mas nada abafa a sua voz potente
e, Terra Escrava, geme, chora e grita:
—Vendeste a Patria, geração maldita!*

JOSÉ NOZOLINI.

(Do livro «Certa voz disse de longe...»)

topamos com o nosso amigo sr. João Rodrigues Loureiro, um dos mais amáveis e bemquistos membros da nossa praça, para quem foi, em moldura de entrevista, a oportunissima pergunta:

—De festas... que ha em definitivo programa?

Diga antes, em esboço de programa, observa em esclarecimento o vice-presidente da Associação Commercial. Olhe que em festas não ha programa definitivos enquanto o rol da subscrição não recolhe.

E a proposito o simpatico comerciante que é uma das mais marcantes figuras da sua classe, queixa-se daqueles subscritores que não souberam e não quizeram actualizar as suas ofertas, facto que o trazia triste, embora sem desanimos. De resto a nossa Exposição, — diz-nos em pura fé bairrista—, ha-de ser notavel, mesmo claquéados pelas projectadas exposições que o Porto e Braga promovem.

—E a grande festa religiosa? Sempre é verdade o que se diz?

—avancamos pretendendo atingir o nosso alvo.

—Ah! também já sabe?... Efectivamente a ideia está lançada. Seria excelente que a proverbial fé católica do nosso povo a fizesse vingar...

Uma sumptuosa, uma magestosa procissão, por exemplo, seria no programa da Grande Festa da cidade, oiro sobre azul. E como que a procurar garantias ao exito da ideia: «Porque não fala a imprensa ao espirito dos católicos, ás corporações religiosas desta terra, na colaboração desse numero?»

Era um lamiré. Restava abordar quem pela sua qualidade no meio católico depozesse com autoridade na materia.

A festa da padroeira da cidade, em 14 de Agosto, está naturalmente indicada.

Um nome nos havia sugerido o sr. João Rodrigues Loureiro, como nos casos de ser abordado por nós para recolha de impressões sobre o assumpto. Feitos os cumprimentos e dado o motivo da nossa curiosidade, o nosso entrevistado que desde logo nos impõe o sigilo do seu nome — por que não quer, declara com suma modestia, antepôr-se aos que melhor podem tomar a iniciativa — diz-nos, to da via, que tem todo o seu entusiastico louvor a ideia de enfeixar no programa da Grande Festa do trabalho um numero acentuadamente religioso. Seria em seu parecer humilde, — observa-nos sua Ex.^a, — um acto muito edificante como afirmação de fé católica e de um comprovado successo, dados os extraordinarios recursos com que Guimarães conta para uma solenidade de tal ordem.

Imagine V., — esclarece-nos o nosso obsequioso interlocutor, — que, só na cidade ha 39 irmandades e corporações religiosas, o que quer significar que muitas dessas irmandades, ordens e confrarias dariam, se nisso se empenhassem, um notavel relevo de imponentia a um cortejo que se organisasse.

— Acha V. Ex.^a que seria bem escolhida a data consagrada a N. S. da Oliveira, como padroeira da cidade?

— Simplesmente admiravel! Depois, era eloquente motivo patriótico que se revivesse essa antiga festividade que *in illo tempore* o municipio mandava celebrar, fazendo a exposição publica do pelote, essa peça de indumentaria historica oferecida como preito de vassalagem a N. S. da Oliveira por El-Rei D. João I, e ainda do celebre triptico tomado na batalha de Aljubarrota, duas peças nimbadas daquele idealismo cavalheiresco e religioso que animou os nossos mais galhardos heróis que firmaram a nossa independência nacional...

— Mas acha V. Ex.^a — atalhamos nós, buscando um objectivo, — que haja alguma individualidade ou corporação que seja capaz de tomar a si o encargo de conjugar todos os elementos para se levar a efeito a grande solenidade?

— Entendo que uma vez indicada, e acho excelente a indicação, a solenidade de N. S. da Oliveira para a grande função religiosa, ninguém mais á altura para promover os trabalhos iniciais que a propria irmandade da Oliveira, tanto mais que o seu juiz é, julgo eu, o sr. cónego Alberto da Silva Vasconcelos, essa ultima vergontea da nossa colegiada insigne, e onde se integra o alto prestigio daquela comunidade extinta.

— Contudo, sendo a irmandade modesta de recursos? — objectamos.

Uma magestosa procissão a que se associam todas as irmandades e o clero do concelho.

— E quem pretendia atribuir o pesado encargo das des-

pezas a uma só corporação religiosa? Em meu pensar, — diz-nos sua Ex.^a, — o cortejo religioso que devia ser revestido do maximo esplendor, carecia de interessar as principais irmandades, mormente aquelas que fossem convidadas a incorporar-se com as suas alas de confrades e irmãos, trazendo á procissão o seu andar. Deste modo poderíamos ver a exemplo das procissões de Cinza, no Porto, e da Assunção, na Póvoa de Varzim, andores com as ricas e piedosas imagens de N. S. do Rozario (S. Domingos); Santos Passos (Campo da Feira); Santo Antonio (S. Francisco); Senhora da Oliveira e Senhora de Lourdes (Oliveira); S. Sebastião (S. Damazo); Sagrado Coração de Jesus (Capuchinhas); etc., o que daria um relevo de conjunto ainda não visto entre nós.

E como aludissemos á compostura e decencia com que é de uso apresentarem-se os irmãos, o nosso entrevistado corrobora a nossa opinião, acrescentando:

— Imaginemos o que seria um cortejo religioso onde figurassem em duas extensas alas o maximo das corporações com suas opas variegadas, os seus balandraus severos, com a paramentaria e as cruces alçadas, marcado de onde a onde por ricos andores, cheios de magestade e de fé, fulgurando em brilho de apoteose divina, dezenas de anjos, numa simbologia condizente com o grande e religioso acto. Após isto, e como remate, seria de desejar que todo o clero do concelho precedesse em representação condigna o Senhor Arcebispo Primaz, ostentando as suas sobrepeles alvas e as ricas capas de asperges da sacra indumentaria que são patrimonio muito apreciavel das nossas corporações religiosas.

Interessante sem duvida, — ariscamos nós, — na perspectiva duma outra pergunta:

— E como entende V. Ex.^a que seria viavel, sob o ponto de vista das consideraveis despesas a fazer, a efectivação desse grande cortejo?

— E' deveras um dos aspectos a versar — reflexiona S. Ex.^a, acrescentando —: A mim, entretanto, quer-me parecer que nenhuma dificuldade teria uma comissão de católicos que se propozesse lançar ombros a uma tão apreciavel iniciativa.

Por exemplo: — porque não haviam as irmandades ou grupos devotos que povessem o seu andar na procissão, tomar a seu cargo as correspondentes despesas dessa representação?... Não, positivamente não me assusta o ponto de vista das despesas. O que importa é conjugar os bons elementos que a causa católica conta entre nós, demais que a ideia encontra um ambiente acolhedor — como nenhuma outra! — o que tanto basta para produzir o mais ambicionado successo.

Estavamos satisfeitos com o carinhoso acolhimento que merecia, em toda a parte, no seio da comissão das festas e no meio da opinião católica a ideia sugestivamente de trazer á rua uma procissão, antecedendo-a com um acto de culto em que a católica população vimaranense se afirmasse num eóro unisono de grandeza e beleza á sua fé religiosa.

Praza agora aos céus que ideia tão edificante frutifique no coração dos homens de boa vontade.

Da Ribalta

Aura Abranches

Por motivo de terem sido alterados os dias destinados aos espectaculos da Companhia Aura Abranches, no Teatro D. Afonso Henriques, só no proximo numero poderemos fazer as devidas referencias.

Hoje, deve realizar-se a ultima recita com *O homem da caldeirinha*.

S. CRISTOVÃO

Na Lenda e no Sonho

A Lenda é a fantasia do que foi;
O Sonho é a fantasia do que ha-de ser.

(Continuação do numero anterior)

Vinham de longe, sujos, incardidos das poeirentas caminhadas, negros do fumo dos incêndios, ensanguentados das matanças, excitados de uma febre colectiva de exterminio, e por onde eles passavam não ficava pedra sobre pedra dos arrogantes castelos, os campos e as aldeias ficavam arrazados e desertos como se por eles houvesse passado o fogo do inferno ou a maldição de Deus. E as vagas humanas, crescendo sempre em numero e em fúria, vieram chocar-se contra as muralhas do castelo pacifico onde Cristovão ainda salvou, brandindo grossas trancas de ferro, a vida do loiro condesinho que tão ingrato lhe fôra. Mas um velho falou a Cristovão numa voz profética onde passavam, engroladas em soluços, todas as misérias sofridas pelos servos da gleba, toda a pungente amargura daquelas vidas de servidão, e a sua fala repassada de lagrimas contava como a injustiça dos senhores da Terra o obrigara a tomar uma faca e a partir com todos os miseráveis, a fazer Justiça no Mundo.

Rendido pela eloquência do velho, o gigante abandonou o castelo e a aldeia e através das campinas todos os «Jacques» o seguiram, confiados na sua força.

Durante muitos dias erraram de castelo em castelo, numa disciplina rigorosa, seguidos das mulheres, das creanças e das creanças e da longa caravana dos carros com tesouros e alimentos que, em nome da Justiça e na boa paz, exigiam dos ricos senhores, e nunca mais houve desordens, nem incêndios, nem saques, nem assassinios. Cristovão por tudo velava, e de noite, no grande acampamento dos maltrapilhos, ele, reclinando a cabeça contra uma dura pedra, olhava fixo as estrelas e pensava se por detraz delas o bom Jesus o não estaria vendo entre os desgraçados como um pai entre seus filhos.

A fúria brava de exterminio dos «Jacques» transformava-se, ao contacto da sua resignada mansidão, numa suave moleza que os trazia esquecidos da vida — como se tivessem de ficar assim eternamente: um bando de pobres recolhendo com arrego os sobejos ou parte da riqueza dos poderosos da Terra. Para Cristovão subia então um côro de louvores, e uns lhe chamavam santo, outros o supunham o próprio Jesus que voltara á Terra a fazer Justiça aos povos, a auxiliar os fracos, a castigar os soberbos e fazer desaparecer de novo e para sempre a escravidão. «E, sempre adeante deles, Cristovão ia como uma grande torre que marchava».

Marchavam contentes e fartos, esquecidos já da grande missão de Justiça Social que os forçara a abandonar os lares e a empunham a foíce e o chuço.

E uma tarde em que assim vagueavam por uma extensa campina, avistaram, do outro lado de uma lagôa que luzia ao só do Outono suas aguas plácidas entre canaviais amarelidos e salgueiros tenros, muitos guerreiros a cavalo que ao seu encontro se dirigiam.

(Continua)

Nós aqui defendemos principios, e por eles nos batemos, enquanto tivermos uma gota de sangue. Ajudar a restaurar a Patria e Monarquia, com as doutrinas integristas, é conduzir Portugal ao glorioso caminho do seu engrandecimento e prosperidade.

Façamos que Portugal se ponha de acôrdo consigo mesmo, que regresse á linha de evolução naturalmente marcada pelo intimo sentido do seu melhor passado.

Mês de S. José

Com numerosa assistencia, tem-se realizado em diversos templos da cidade esta devoção em honra do glorioso patriarca S. José, Santo Patrono da Igreja Catolica.

Conferencias Quaresmais

Terminam hoje as conferencias que vem fazendo no templo de S. Francisco, o sr. dr. Conego Insueles, digno arcepreste de Braga.

Santos Passos

Se o tempo o permitir, sairá no proximo domingo, do Templo de Santos Passos, a imponente e magestosa Procissão, que sempre constitue uma das mais grandiosas manifestações de Fé, do povo da nossa laboriosa cidade.

A illustre Mesa a que tão dignamente preside o nosso dedicado amigo sr. dr. Adelino Ribeiro Jorge, envida todos os seus esforços para imprimir á magestosa Procissão todo o esplendor e brilhantismo costumeado.

Nas cerimoniaes da Paixão, que serão realizadas na noite do proximo sabado, naquele Templo, tomará parte o nosso Orpheon.

«Ecos de Guimarães»

Passou no dia 1 do corrente o IX aniversario, da publicação do 1.º numero deste nosso presado colega local.

As nossas saudações.

Missa

Os antigos alunos dos saudosos professores srs. Drs. Conegos Pedro G. Sanches e Manuel Moreira Junior, convidam os amigos e admiradores dos illustres extintos, a assistirem a uma Missa, que mandam celebrar ás 11 horas do proximo dia 15 do corrente, pelas suas almas, na Igreja da Collegiada, agradecendo a comparsencia de todas as pessoas que se queiram associar a esta homenagem.

FRATERNIDADE

COMPANHIA DE SEGUROS

Agente em Guimarães:

Domíngos Ferreira de Oliveira Guimarães

RUA DE PAIO GALVÃO, 88

JOÃO RIBEIRO

ALFARTE

Modas e confecções

Rua 31 de Janeiro, 132 — GUIMARÃES

GIL VICENTE

Ano IV N.º 129

2.ª Série N.º 6

Ex. Sr.

gem de respeitosa e merecidissima saude.

Guimarães, 4 de Março de 1923.

Libera-mé

Esteve muito concorrida a missa e Libera-mé, mandada celebrar pelo sr. Francisco C. Lopes na capela de S. Domingos, pelas 11 horas da pretérita quarta-feira, em sufragio da alma do saudoso professor e ecclesiastico dr. Manoel Moreira Junior.

Festividade das Dôres

Foi convidado para prègar na solenidade das Dôres, que se realizará no Templo de S. Francisco, o talentoso orador sagrado, rev. Conego Bernardo Chousal,

Aniversario do «Raid», Lisboa-Rio de Janeiro

«O Diario» publicou ha dias uma portaria creando selos postais da taxa de 1 centavo a 2 escudos, comemorativos ao raid Lisboa-Rio de Janeiro e tornando obrigatoria a afixação dos referidos selos na franquia das correspondencias trocadas nos dias 30 e 31 de Março e 1 de Abril de 1923.

«Povo de Anadia»

A este nosso presado colega agradecemos a transcrição que fez dos artigos *Basta!* e *A' minha geração*, respectivamente dos nossos presados camaradas srs. Domingos Ribeiro e Rui Galvão de Carvalho.

Que aos olhos do Povo a defesa da republica se não possa confundir nunca, numa hora que seja, com a defesa da Nação!

Caixas de papel

Acaba de ser posta á venda, na **Papelaria de José Cardoso Santarém**, uma esplendida coleção de caixas de papel e envelopes, verdadeiras novidades.